

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA



Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9850; Província, 3 meses 28550; Africa Portuguesa, 6 meses 66500; Estrangeiro, 6 meses 102500
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2348

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 28 DE JULHO DE 1926

“E’ PRECISO CORTAR A DIREITO...”) Notas & Comentários

De como uma frase, vaga e inconsistente, conseguiu ter sinistra realização

Afirmámos e provámos, arrostando com os rigores da censura e com as sugestões de violência iníqua que conservavam carregada e assustadora a atmosfera social, que a ditadura militar era inexistente. Demonstrámos que essa fórmula, nascida repentinamente por influência dum bando de cobardes incapazes de revelar sinceridade e desassombro na defesa duma ideia, ou se transformava num beco sem saída ou resvalava para uma Monarquia efémera, sanguinolenta e trágica, em que as situações de ópera bufa se misturavam com os actos do mais feroz canibalismo. Hoje, que a censura já não tem crises inexplicavelmente histéricas perante as verdades expressas em letra redonda, diremos que a tragédia, idêntica à que é de aparecer nos palcos dos clubes de fúrisos dramáticos, foi adiada sine-die;

Segundo os pálios, infáveis e raros defensores da actual situação, a frase “cortar a direito” ainda se conserva com tão piedoso cuidado como se fora um dos preguinhos de cabecinha arrancados ao madeiro onde em dia de Páscoa, lá para as bandas da Judeia, Cristo foi justicado. Conservam-na — e dão-lhe execução rigorosa — dizem-nos os arautos enrouquecidos e gagos do actual gachis político.

Acreditamos nesses arautos e vamos analisar rapidamente a maneira como se está “cortando a direito” com o facalhão aguçadíssimo dos salvadores de mesa redonda ali do Terreiro do Paço.

“Cortaram a direito” consentindo que o directório do Partido Democrático — o principal vencido do momento — reúna com a maior liberdade e proibindo as reuniões dos organismos operários ou impondo-lhes, “Cortaram a direito” consentindo que a Moagem continue envenenando a população, fornecendo-lhe pão que para o ser precisava de ter farinha; “Cortaram a direito” recebendo os homens das “forças vivas” que pretendem impor a uma população operária, depauperada por prolongados e forçados jejuns, um horário de trabalho que, além de suprimir uma regalia proletária, conduz ao esgotamento físico e ao agravamento pavoroso da crise de trabalho.

“Cortaram a direito” desprezando da maneira a mais completa todas as reclamações das classes trabalhadoras, deixando sem solução a crise de trabalho que já possui um exército de centenas de milhar de bocas que pedem pão — o pão que os seus exploradores criminosamente lhe roubaram.

“Cortaram a direito” reconhecendo a capacidade jurídica da igreja “Cortaram a direito” suprimindo as Escolas Primárias Superiores, as únicas em que os operários podiam adquirir a educação técnica e profissional de que urgentemente carecem.

“Cortaram a direito”... e se assim continuam as “forças vivas” entrarão na idade de ouro, numa apoteose sinistra feita por uma população a quem acinofosamente negaram o direito à vida precisamente aqueles que à custa do seu trabalho têm vivido, enriquecido e parasitado...

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSÍVEL AOS RICOS A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis “Citroën” (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

SACCO E VANZETTI

E’ necessário tentar o último esforço pela salvação das duas vítimas

A condenação de Sacco e Vanzetti não é um erro judiciário. É uma represália maduramente planeada contra dois militantes operários, um desafio afrontado a todo o proletariado. Os juizes de Massachusetts, que ficam nesta questão com uma celebridade de frios assassinos, levarão o seu intento ao fim. Sacco e Vanzetti ficarão a recordar um episódio doloroso da tremenda luta de classes que convulsiona o actual século. A classe operária sentirá a afronta em toda a brutalidade e recatá-la há na sua consciência até ao ajuste definitivo; a classe burguesa sentir-se-á há vitoriosa, mas a vitória será líquida a preço de usura.

Sacco e Vanzetti foram conscientemente atraídos para o martirólogo revolucionário. Nesse famoso tribunal de Dedham, Massachusetts, representou uma comédia que tem laivos trágicos, ensaiada com cinismo pela plutocracia. As provas do processo e os depoimentos de todas as testemunhas demonstraram perentoriamente a inocuidade dos dois anarquistas italianos.

Ultimamente, a magistratura de Massachusetts negou a revisão do processo. O silêncio que se fezera em redor do processo fora bem aproveitado para um novo assalto, traço de assalto, da reacção capitalista.

Porém, irrompeu novamente o protesto do proletariado internacional, e tão impetuoso foi que os juizes modificaram a sua atitude. Mas os recursos de defesa estavam esgotados e a sentença teria de cumprir-se;

Subitamente, os jornais revelam a confissão dum dos verdadeiros autores do atentado contra o cobrador. As novas provas, porém, não bastarão para evitar a execução da sentença. O proletariado, impondo o seu forte protesto à que poderá impedir que o intento dos juizes reacçãoários vá por diante. Sob a pressão da classe operária, os juizes terão de promover a revisão do processo, que eles, até há pouco, recusavam modificar todo o direito jurídico. A situação modificou-se, mas não deixou de ser bastante grave. O proletariado internacional deve tentar o último esforço.

Taneiros de Lisboa

A direcção resolveu testemunhar a solidariedade no movimento em prol de Sacco e Vanzetti, tendo enviado telegramas de protesto ao presidente do ministério e ao representante diplomático dos Estados Unidos.

Exposição de jardinagem e pomicultura

Inaugurou-se ontem devendo encerrar depois de amanhã a exposição de jardinagem, pomicultura e indústrias regionais de S. Maria, para o que foi escolhido o seguinte programa:

- I — Secção de Jardinagem: 1.ª classe — Flores cortadas, 2.ª classe — Flores em vasos e plantas ornamentais.
- II — Secção de Pomicultura: 1.ª classe — Pêras e maçãs, 2.ª classe — Outros frutos.
- III — Secção de Horticultura: Classe única — Produtos e frutos hortícolas.
- IV — Secção de Indústria Regional: 1.ª classe — Vinhos, vinagres e aguardentes, 2.ª classe — Pastelaria, compotas, geleias, conservas, etc., 3.ª classe — Manteigas, queijos, etc., 4.ª classe — Refrigerantes e águas de mesa, 5.ª classe — Marmores, cantarias e outros produtos.

Desmascarando um tarfuto

Na “Democracia do Sul” um sr. Aníbal Queiroga censurou acrimosamente as classes operárias organizadas de Évora, por estas terem assumido uma nobilitante atitude de protesto contra a exibição de touros de morte que se premeditou, cobardemente embuscada no falsíssimo e velhaquíssimo pretexto da caridade — dessa caridade que é, muitas vezes o último refúgio de canibais e de rameiras.

O sr. Queiroga, que pelo nome não perca, supoz que as classes operárias deviam ter sobre dignidade e humanidade um critério idêntico ao seu, segundo o qual o dinheiro tudo justifica, não importando que degrade quem o recebe. Enganou-se. A sua concepção moral revelada a público desconcertou-o e o seu amor pelos pobres desmascarou-se agora. O sr. Queiroga já alguma vez se sacrificou pela fome dos miseráveis? Só agora estava disposto a fazê-lo, mas para satisfazer os seus instintos tauronômicos.

Ficamos pois cientes não só que ele é indigno de dar lições de moral a operários conscientes, como se tornou credor pela sua defesa dos touros de morte, duma tanga e duma argola no nariz.

CONFERÊNCIAS

“Organização científica do Trabalho”

O sr. dr. João Camoes efectua hoje, pelas 21,30 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa que funciona no Sindicato dos Arsenalistas do Exército, Campo de Santa Clara, 87, 1.ª, a última conferência da série “Organização científica do Trabalho”. Na sua lição de hoje dissertará o conferente sobre “Organização humana do Trabalho”. A entrada é franca.

NOS “BAS-FONDS” DA CIDADE

Em cacifos, com pouco mais de quatro metros quadrados, na Quinta do Marquês de Abrantes, vivem famílias, compostas de seis pessoas, num revoltante amálgama

A Quinta do Marquês de Abrantes tem hoje edificadas algumas dezenas de miseráveis barracas, cuja configuração é qualquer coisa de desgrenhado.

São proprietários das referidas barracas alguns maltrapilhos que, esquecendo a sua condição social e esquecendo a miséria que assola os moradores do “Bairro Chinês”, exploram vilmente os desgraçados que o infortunio arremete para os tugúrios da Quinta do Marquês de Abrantes.

Está computado em 144 contos anuais o rendimento das edificações do “Bairro Chinês”. Os respectivos proprietários cobram rendas que se assemelham a 70500 mensais por cacifos com pouco mais de 4 metros quadrados, por cacifos onde venta como na rua e onde a água penetra irreverentemente, deixando os haveres dos pobres moradores num estado confrangedor.

A higiene é medida absolutamente desconhecida na Quinta do Marquês de Abrantes.

Os dejectos são despejados na via pública e ali fermentam, causando as suas emanações graves prejuízos à saúde dos pobres moradores do “Bairro Chinês”.

As condições higiénicas das barracas não são superiores. Vamos penetrar no seu âmago e dizer aos leitores o que nos foi dado conhecer.

Já dissemos que no limiar da Quinta do Marquês de Abrantes, à esquerda e construída com folhas velhas e resíduos de telha de Marsella, fica a barraca do tio Heitor, aquele octogénio que vive da caridade pública, a pesar de ter trabalhado mais de sessenta anos, a pesar de ter tido uma vida de labor e de probidade.

O tio Heitor vive por esmola naquele tugúrio, espécie de toca de feras onde chove como na rua, onde os parasitas proliferam com pasmosa velocidade.

Fronteira à barraca do tio Heitor está erecta outra toca, onde também por esmola se alberga um miserável que as agruras da vida colocou na situação idêntica à de irracionais.

Avançando por aquela hipótese de estrada que conduz ao extremo do “Bairro Chinês” fica-nos à direita a barraca de Manuel da Silveira, um farrapo conduzido por bambúrio a categoria de senhorio.

Na referida barraca moram 10 famílias, que anualmente pagam 6 contos de renda, de aluguer de uma casa que ao seu proprietário custam 4 contos.

Neste tugúrio, como o leitor já notou, moram 10 famílias, representando mais de 60 pessoas, cuja idade oscila entre os 5 meses aos 40 anos. Sem a mais leve divisão, ali residem promiscuamente crianças de tenra idade que assistem a todos os actos da vida conjugal, que vivem todos os pequenos detalhes da vida matrimonial.

O senhorio avaro como Carvalho da Silva impõe aos seus inquilinos um X exorbitante de renda. E, do desgraçado, cujo salário não é superior a 12500, lá tem que conformar-se com o X do senhorio, porque não há por onde escolher, porque a sua existência de miséria não lhe permite resistência.

Destá triste vivenda passamos para a que é habitada pelo militante da organização sindical dos corticeiros Eduardo Braga. A fisionomia da barraca onde reside este

Militantes presos em Espanha

Encontram-se presos, há mais de um ano, na cadeia preventiva de Barcelona os seguintes militantes avançados: Joaquim Maurin, Oscar Peres Sôlo, Vitor Colomé, Victoriano Sala, António Ranzi, Felix Fresno, David Rei, Adolfo Bueno e vários outros, todos eles devendo comparecer brevemente em tribunal de guerra. Gran e Bonet foram postos em liberdade, mas, logo, remetidos outra vez ao cárcere.

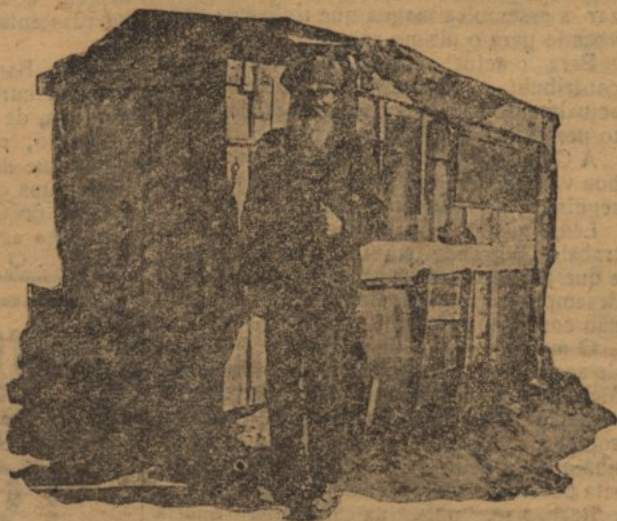
São todos acusados de publicação de diversos escritos clandestinos, de haverem tido reuniões secretas e de terem fundado uma organização subversiva. Para eles são pedidas penas que variam de 6 a 24 anos de prisão.

Estes homens estão à mercê dos juizes. O seu direito de defesa está quase anulado, pois o governo usa e abusa da suspensão de garantias para perseguir militantes operários. As acusações mais absurdas são lançadas a rosto dos presos; e o conselho de guerra vai inexoravelmente condená-los. A reacção triunfará, sem esforço, tanto mais que a oposição dos partidos é coisa simplesmente platónica e toda a tentativa de organização operária é reprimida bárbaramente.

Inaugura-se no domingo o Congresso Abolicionista

Realiza-se no próximo mês de Agosto, 1 a 5, as sessões do primeiro congresso abolicionista, contra a prostituição regulamentada, promovido pela Liga Portuguesa Abolicionista. Neste congresso fazem-se representar a Federação Internacional Abolicionista, de Genebra, pelo seu secretário geral Mr. J. Reelfs, e a Sociedade Espanhola de Abolicionismo, de Madrid, pelo seu presidente dr. Cesar Juarros.

O congresso realiza as suas sessões na sede da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, Avenida da Liberdade, n.º 19, 1.ª, pelas 21 horas.



O tio Heitor à porta do seu tugúrio

E depois num misto de exaltação e má-gua:

—Ando eu a defender o bem estar dos trabalhadores, quando eu vivo tão miseravelmente como um vulgar mendigo!

Agora a nossa visita é às barracas de que é proprietário em guarda da cadeia do Limoeiro de nome Manuel Correia.

Há dependências dessas barracas com pouco mais de 4 metros quadrados que vendem a renda de 30500 a 60500 por mês.

Num desses cacifos, que não tem mais do que aquela dimensão, reside uma pobre criatura com seu companheiro e quatro filhinhos. O chefe da casa vende o chorudo ordenado de 11500, por cada dia de trabalho. Pois é dessa importância que tem que manter a sua numerosa prole e que tem que pagar 30500 por mês de renda.

A barraca de António Lobo (Reineta) é habitada, entre outras pessoas, pelo militante da organização sindical dos taneiros Joaquim Tavares Adão. A dependência onde mora este propagandista custa a mensalidade de 45500.

Escusado é informar o leitor de que as condições desta barraca não destoam das outras barracas a que já fizemos referência.

Todavia Tavares Adão vive ali com sua companheira e seus quatro filhinhos, que bem cedo começam a sofrer as agruras desta sociedade madrastra.

Poderíamos referir às condições das outras barracas do “Bairro Chinês”. Mas para quê? Não é suficiente o que deixamos reportado?

E por ser suficiente o leitor poderá aqulatar da craveira moral dos exploradores senhores da Quinta do Marquês de Abrantes e das condições de miséria em que vivem os moradores daquele paraíso.

E por essas condições serem insuportáveis e que aqueles moradores acabam de tomar resoluções das quais nos faremos eco amanhã.

Scenas de superstição católica que contrastam com actos de impiedade cristã

PORTO, 25.—Distante desta cidade alguns quilómetros, no vizinho concelho de Gaia, existe o lugar dos Carvalhos. Este sítio é ligado com o Porto, além da estrada polvilhada de poeira e recheada de cavidades — as nossas estradas convergentes ao burgo são um modelo de perfeição engenharia — por umas carreiras de camionetas em forma de carruagens dos caminhos de ferro, que lhe encurtam a distância.

Daquelas bandas vêm muitos trabalhadores aplicar a sua actividade nesta terra da invicta. Apesar, porém, da contínua convivência duma parte da população dos Carvalhos com a cidade, os Carvalhos parecem uma região perdida no interior selvagem dum qualquer podo do continente negro. O fanatismo que lá impera é uma coisa inexplicável. O padre, astuto e matreiro, sovina e intrigante, é o régulo absoluto daquelas paragens: domina os lavradores como quem domina rezes. E no tocante a mulheres, então é vê-lo fazer-las andar numa dubadoura de obediências irritantes...

As filhas-família, num entusiasmo febril, dirigidas pela cobiça apetitosa do padre sensual, chegaram a andar de noite... no embebelamento das ornamentações. Houve quem, sem o consentimento do marido, mas por instigações do padre, arrancasse do quintal plantas para o sacrifício... do alindamento carílico... O marido, em chegando e conhecedor do caso, protestou e destruiu as referidas plantas...

O solo foi juncado de verduras, cuja verdoenga “estrumeira” não deixava ver um único grão de terra. O bispo chegou com o seu gôro vermelho.

E enquanto o bispo, rodeado de toda aquela gentinha de vendas em terra, abençoava hipocritamente os seus rebanhos uns quatro ou cinco moços ficaram de pé a contemplar pela mural, no verdor dos seus anos, não nutria a menor beatice. Mas quando a estupidamente turba deu por ela, cobriu-os de epítetos: uns lavradores pretenderam, mesmo, pela violência, obrigá-los a ajoelharem... E’ tal a bestialidade fanática daquele povo, que o pai de um rapaz que não comunga nas paradas catoliqueras da padralhada, o tem espancado, querendo-o fazer engulir o que ao estômago lhe repugna...

Aquela irreverência constituiu o pecaminoso escândalo da festa — mas o bispo lá seguiu beijando pelo mulherengo... e pelos “chaniscados” lavradores...

O padre quis, por subscrição pública, dar um banquete ao D. Leão, mas alguém, ponderando-lhe a vergonhosa miséria, prontificou-se a oferecê-lo a suas expensas...



Lêde o Suplemento de A BATALHA

Influência da educação na vida psicológica do homem

Criminalidade habitual e Criminalidade ocasional

Outro factor social do crime é a prostituição. A mulher que se prostitui raríssimas vezes é uma doente atávica; é quase sempre a vítima do homem e da sociedade, vítima da ascendência alcoólica, vítima das tentações do ambiente social — o luxo, a ociosidade, o jogo; vítima, finalmente, dos pais que a não educaram para o trabalho que nos desvia da miséria. Nas suas relações com o crime dizem-nos as estatísticas que o delito praticado de preferência por estas criminosas é o do furto.

Estudados, embora muito sucintamente, os factores sociais da criminalidade, necessário é ainda abordar as diversas categorias de criminosos, para vermos em quais e como a educação pode influir. Unanimemente os criminalistas classificam os criminosos em *habituais* e *ocasionais*. No primeiro grupo encontram-se os criminosos que são *votados fatalmente ao crime*, no dizer de Maxwell (criminalidade congénita) e os que se tornariam necessariamente criminosos se estivessem num ambiente diverso daquele em que foram colocados (criminalidade adquirida). Na criminalidade congénita, constituída, principalmente, pelo criminoso nato (assim classificado por Enrico Ferri, que lhe deu também o nome de alienado criminoso) e pelo anormal, vadio e mendigo, há uma *energia estimulante* para o crime, uma tara congénita, uma predisposição hereditária e uma *ausência quasi total de inibições*. Na criminalidade habitual adquirida encontramos os prevertidos, os débeis, os exaltados a quem a *educação criminosa*, a ausência de energia física e moral, o alcoolismo, a imprensa, as doutrinas políticas mal explicadas nos agrupamentos associativos transforma em verdadeiros criminosos indivíduos que nunca se revelariam como tais se vissem noutro ambiente e noutras condições.

Agora vamos ao contraste, como fecho de toda esta história jesuítica... Já vimos como a gente dos Carvalhos é muito temente a Deus, muito devota das doutrinas cristãs, muito afeirada ao amor, à bondade, do Santíssimo Sacramento. Vamos ver agora como essa devoção, como esse amor, como essas doutrinas são aplicadas...

No referido local havia uma pobre mulher que habitava num triste e apertadíssimo alodo. Vivía na mais tremenda das penúrias. Adoeceu. Não tinha com que tratar-se. O “bom” do cura tirava, pelas suas ovelhas, umas esmolas — das quais ia entregando, por doses, à filha mais nova da pobre, porque ele só queria que fosse a mais nova receber o óbito... A razão disto, só ele o sabe...

A pobre morreu, entregando a alma a Deus ou ao Diabo, segundo as deliberações litúrgicas da intrigante romana...

O caixão, misérrimo esquife, não cabia bem no hediondo cubículo. A morta tinha uma irmã. Por caridade, podia, durante as 24 horas da praxe, tê-la no seu casebre. A freguesia tem uma igreja paroquial. O padre podia, por amor à religião que impotura, recolhê-la num canto mais ascoso da sacristia. Mas a religião católica, apostólica e romana é tanta naquela gente; a sua fé, a sua crença em Deus e em Maria Santíssima são tão profundas, estão tão enraizadas naquelas almas seráficas — que nem uma nem outra, nem qualquer vizinho católico, procederam com aquela cristandade constante dos sacratíssimos evangelhos: o cadáver esteve toda a noite debaixo duma ramada, a tomar ar, à fresquinha, porque tem estado um tropicalíssimo calor...

Boa família, excelente ministro da igreja, exalta religião de Deus...

Levada em charola a morta para a campa raze, sobram na mão do padre uns selentos ou que dos subscritores. Esse dinheiro devia ir para as filhas, porque precisam dele.

Falaram nisso ao padre, mas ele é que não via nisso: o dinheiro é para missinhas, que é como quem diz: para ele, queas reza... “Não é isto uma santa religião católica e uns santos religiosos?”

Já que estamos com a mão na massa, mais isto: Segundo os jornais, os sábios ingleses andam atarefados no estudo de um processo científico que cure radicalmente o cancro. E’ já serem casmurros, casmurros e bestas...

A cura, radical e rápida, está já descoberta. Descobriram-na, ontem, na Catedral da Sé, de cujo altar foi comunicado ao público feminino que lá se acumulava em doce soalheiro... religioso... O sacerdote oficiante leu, à missa, com aquela desfaçatez que é peculiar a todos os clérigos, um telegrama-circular que foi enviado a todas as igrejas — segundo o qual uma peregrina, que tinha um cancro... no último grau e estava... desengana dos médicos, se curou, milagrosa e repentinamente, depois de beber umas *águlhas*... de Lourdes e ao erguer o cálice da missa... Aquilo foi um ar que lhe deu e imediatamente lhe arejou o estômago... perfeitamente agora apto para as pantagruélicas comenais. Agora é que comer lá pelas França... de baixo e de cima...

E aquelas estúpidas acreditaram, de boca aberta, de nariz arrebitado e de olhos arregalados, naquela tremendíssima péta do milagre da peregrina que fora contratada para desempenhar o frete... curandeiro...

Os sábios ingleses sempre são de bom tempo... e a humanidade muito besta...

C. V. S.

Livraria de **A BATALHA**

Mirbeau.—O Jardim dos Suplicios..	4500
Nogueira de Brito	
I—Memoriam de Angela Pinto	15500

Pargamã - Origem da vida.....	8800
Olívia Martins	
Helenismo e a Civilização Cristã.....	15500
História da Civilização Ibérica.....	15800
História da República Romana (2 volumes).....	30500
História de Portugal (2 vol).....	30400
Raças Humanas (2 vol).....	30500
O Brasil e as Colônias Portuguesas.....	15800
Cartas Peninsulares.....	15500
Sistema dos meios e fições religiosas.....	15900
Orlando Marçal	
Águas Claras.....	6800
Imagens de Sôntro.....	1800
Raul Brandão	
Os Pescadores.....	10900
Os Pobres.....	10900
O.....	

Pensões- Da Educação (br., 5800) enc.	8500
Tolstoi. — A sonata de Kreutzer.....	4500
Ana Karenine.....	5500
Toulouse. — Como se deve educar o espírito.....	4300
Victor Hugo	
França e Belgica.....	10500
O Reno (2 v.).....	15800
Os Miseraveis (2 grossos vol) ilustrados, encadernados...)	40500
Zola	
A Taberna.....	12500
Tereza Raquin.....	5400
Alegria de viver (2 vol.).....	8500
A. gnomes.....	

Recundidade.....	20\$00
A fortuna dos Rougons, (2vol.)...	8\$00
Uma página de amor.....	9\$00
Dr. Pascal.....	8\$00

PUBLICAÇÕES SOCIOLOGICAS

...—Organização Social Sindicalista	3\$00
Antonielli. — A Russia bolchevista...	2\$00

fulcor. — O sindicalismo e a próxima revolução (2 volumes).....	350
Emílio Bossi. — Cristo nunca existiu.	610
Geo Williams. — Relatório dos delegados dos I. W. W. ao congresso da I. S. V. de Moscou.....	150
Gladiador. — A questão social do Brasil.....	850
Gustavo le Bon.....	130
As primeiras consequências da guerra.....	890
Ensinaamentos psicológicos da guerra europeia.....	890
Leis psicológicas da evolução dos Povos (enc.).....	680
Guyau. — Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção.....	580
Educação e Hereditariedade.....	580

A conferência da paz e a sua obra	590
As lições da guerra mundial...	890
O movimento operário da Gran-Bretanha.....	550
Psicologia do socialismo-anarquista	550
A crise do Socialismo.....	550
A psicologia do militar profissional.....	5300
Henrique Leone—O Sindicalismo...	4900
Heliodoro Salgado	
O culto da Imaculada.....	10900
Jean Grave	
A sociedade Futura.....	4900
O indivíduo e a sociedade.....	5500
Joseph I. Ettor.—Unionismo industrial.....	550
Julio Guesde.—A lei dos salários.....	950
Justus Ebert.—Os I. W. W. na teoria e na prática.....	3900
Kropotkin	
Anarquismo, sua filosofia e seu ideal	1950
A Grande Revolução (2 vol.).....	10900
A moral anarquista.....	5500

O Estado e o seu papel histórico	150
Lazaro. — A Liberdade.	150
N. Lénine. — Os problemas do poder dos Soviets.	150
Landauer. — A Social Democracia na Alemanha.	150
Manuel Ribeiro. — Na linha de log.	380
Marx. — O Capital.	580
Melchior Inchefer. — Monarquia jesuitica.	380
Nietzsche	480
Anti-Cristo.	480
Genealogia da moral.	480
Neno Vasco. — Ao Trabalhador Rural — Geórgicas.	380
Concepção Anarquista do Sindicalismo.	380
A greve dos inquilinos.	150
Novikov. — A emancipação da mulher	450
Pataut e Pouget. — Como faremos a revolução.	450
Perfeito do Carvalho. — Notas e commentarios.	150
Sebastião Faure. — As provas da inexistência de Deus.	150
Tomás de Fonseca. — Sermão da Montanha.	1250

louquinha, depois destas palavras uma pequena demora na chegada de já começa a falar de fitas pretas, e anda! atrai para bem longe semelhante vejo eu a minha mal sorte! disse T. triste, e olhando sempre para a es. A má sorte ameaça-me, e castiga? perguntou a avó com espanto. A donzela, que nunca fizeste mal a ninguém de me julgar amada por Nômi, crianças, dormimos no mesmo berço, apenas uma pobre rapariga ignorante e um homem ilustrado, e que já viu muita coisa. meu tio Saluán são os melhores. Yvannes. Têm um navio seu. São ração com meu pai, que só possui luizes de ouro... Ah! o que eu sei muito mau... é uma ofensa para Nômição é muito generoso para que não dondasse! Mas pode ter reconhecido eu o não merecia, que não me tinha por compaixão... Eis talvez a causa... fazer-te semelhante afronta... a, minha família!... exclamou a avó, a nossa filha? Tudo isso por ele chamas mais tarde? ao a causa desta demora, disse Janil, querido compor alguma cantiga para e esteve talvez a estudá-la... Mas estar a caminho. lina, até então insensível as palavras e as amigas a queriam consolar, e curada e radianse, deu um pequeno os braços para alguma coisa que avia nas em virtude desta subita passagem para a certeza da felicidade, ela em

A BATALHA

Vós falais de Deus, mas o que vós chamais Deus é realmente o que os homens designam por este nome?



LIGA DE ACÇÃO EDUCATIVA

A utilidade desta nável instituição e os seus fins emancipadores

O Congresso Pedagógico reunido em Lisboa, em Agosto de 1924, por iniciativa da Associação de Professores de Portugal, promoveu na Sociedade de Geografia, ao encerrar os seus trabalhos, uma reunião de carácter pedagógico e popular, visando a formação dum organismo educativo que exercesse uma acção metódica e de conjunto para a solução do problema nacional de educação.

Desta reunião resultou uma segunda no mesmo local, em Março de 1925. Em ambas as reuniões, que marcaram pela elevação e brilho dos seus debates e pelo entusiasmo com que decorreram, as diversas correntes de opinião pública e alguns dos nossos melhores mestres em assuntos educativos e sociais expuseram os seus pontos de vista relativos aos processos de ensino e de educação. Na segunda sessão foi eleita uma comissão para elaborar o Estatuto desse organismo, estatuto que, em sucessivas reuniões públicas efectuadas na Escola Officina n.º 1, foi discutido e aprovado, criando-se, por ele, a **Liga de Acção Educativa**.

E a L. A. E. uma organização de base federativa e constituida por secções locais autónomas, apenas dependentes, funcionalmente, da orientação geral que os estatutos e os congressos anuais lhes imprimem. A ela podem pertencer, como associados, indivíduos ou colectividades, pagando respectiva e mensalmente 1500 e 5000.

Pretece a L. A. E., agrupar, assim, por todo o país, não apenas as elites mas todas as consciências que sintam necessidade e urgência de se iniciar uma obra educativa de conjunto, capaz de oferecer a grei segura penhor de êxito.

E' necessário, porém, notar, desde já, que a L. A. E. não resultou apenas da generosa intenção de algumas pessoas que, no desejo de chamar a atenção do país para o problema educativo, conjugassem os seus esforços coordenando-os e valorizando-os numa acção comum.

Relacionados com a formação da L. A. E., outros factores e circunstâncias impuseram a necessidade e oportunidade da sua criação: a L. A. E. é o resultado lógico dum movimento esboçado apenas, mas que caminhará e progredirá *malgré tout*. Na desfruição desses factores e circunstâncias, não é forçoso descer a análise a pormenores ínfimos; importa, contudo, fazer sobressair o que é essencial e é que um movimento de interesse colectivo se desenhe pelos problemas de educação e que nesse movimento colaborem, talvez pela primeira vez em Portugal, os educadores, os pedagogos — e a larga massa da população representada nas classes mais humildes e, por isso mesmo, mais prementadoras de êxito dum profunda e segura reforma.

Sem nos determos agora no apuramento de que neste movimento pudessem ter influido a evolução geral, as circunstâncias excepcionais do estado de espírito *d'après guerre*, a acuidade de certos problemas morais e sociais, — é mister anotar e salientar que a Escola começa a abrir para a vida pública largas frestas no isolamento e na secura inábil em que se refugiava e que, por seu turno, a vida colectiva entra na escola, interessa-se pela escola, *vive a escola*.

Reconheciam isto inteligentemente os professores de Portugal chamando o povo a tomar os seus trabalhos; acorreu este trazendo a féalta do seu entusiasmo e a intuição preclara de que para seu benefício eram as reivindicações que se erguam. Assim se explica o valor e a importância das reuniões de 1924 e 1925 na Sociedade de Geografia, donde resultou a L. A. E. Este é um facto inegável; outros porventura mais restritos e isolados, reforçam o que acima dizemos. Mister era seguir esta linha de clareza e de esperança: a L. A. E. surge quando era necessária. Ela esforçar-se há para manter e reanimar uma tão proveitosa união.

Pretece a L. A. E. exercer uma actividade educativa que se repartirá em três sentidos próprios, todavia simultâneos e convergentes. E' o primeiro de ordem pedagógica e de ensino; o social; o segundo; de coordenação e direcção, o último.

Pedagogia e ensino. — A L. A. E. procurará influir junto dos estabelecimentos de educação, dos professores, dos pais e dos encarregados de educação, dos poderes constituídos e das sociedades particulares no sentido de aceitarem e praticarem os métodos e processos de ensino que os progressos das sciências aconselharem. Nesta intenção, a L. A. E. procurará estudar todos os assuntos pedagógicos e merecer-lhe a especial cuidado todo o que ao ensino diga respeito, como seja: a) a sua organização e administração; b) a preparação profissional dos professores; c) os estabelecimentos de educação; d) os programas, métodos e outras práticas escolares.

A L. A. E., respeitando na criança o futuro ser adulto, merecerá ainda particular atenção tudo o que a esta possa interessar, e, assim, procurará:

a) Divulgar os conhecimentos de eugénica e pericultura necessários à formação duma geração melhor;

b) Promover a assistência à criança, a sua higiene e educação moral, intelectual e física;

c) Encarregar-se da defesa dos seus direitos;

A L. A. E., tendo em conta tudo o que à criança se refira, encarregou-se de realizar todos os anos, na Primavera, a interessante e utilíssima manifestação de **Semana da Criança**, com um duplo objectivo social e educativo.

Em síntese: a L. A. E. interessar-se-há por todas as questões de ensino e pedagogia, procurando estudá-las, debatê-las e divulgá-las. Entende, porém, que só uma obra de conjunto poderá garantir condições de êxito às muitas medidas que se têm preconizado, e, assim, por uma **Reforma Geral de Educa-**

ção Nacional, tomando como ponto de partida o projecto que em 21 de junho de 1923 foi presente ao Parlamento, tentando fazer vigorar a escola primária integral como educação geral mínima do ser humano, numa extensão do analfabetismo verdadeiramente educativa.

Educação social. — Procurará a L. A. E. exercer no nosso país uma acção social intensa e profunda no sentido de interessar a grei pelos problemas de educação e formar nela um acréscimo de consciência colectiva. Toda uma obra de educação social que urge realizar, se propõe a L. A. E. promover e animar, chamando, para isso, o concurso de todos os que que com ela queiram colaborar.

Assim, a L. A. E. procurará promover congressos, conferências, palestras, campanhas contra a falsa ou nula educação da população portuguesa, citando factos, apontando resultados, constatando acontecimentos; realizar estudos e inquéritos; criar instituições educativas e sociais, como escolas, etc.; esforçar-se por que toda a assistência tenha finalidade educativa; fundar bibliotecas; publicar uma revista, órgão da L. A. E., e editar folhetos e outras obras educativas; organizar espectáculos, concertos e orfeões, obedecendo a um rigoroso critério artístico-pedagógico; realizar excursões, exposições e viagens; oferecer solidariedade a todos os estudantes e operários; estreitar as relações entre os intelectuais, estudantes e operários; manter um vivo inter-câmbio com as sociedades congêneres do estrangeiro, etc., etc.

Em síntese: a L. A. E. pretende, principalmente, dar à sociedade actual a consciência do estado deseducativo em que se encontra para que procure remediar-lo, desenvolvendo toda a acção educativa, em suma, que melhor e mais depressa consiga que cada indivíduo e cada organismo social, dentro das possibilidades máximas da sua concepção de ideologia social dos seus coerentes e consequentes meios e acção, façam simultaneamente uma propaganda intensa, profunda e geral, a favor duma educação humana e humanitária, tanto escolar como extra-escolar.

Coordenação e direcção. — A L. A. E. pretende ainda ser a entidade dirigente e coordenadora do movimento educativo nacional. Entenda-se, porém, que esta pretensão é o inverso do que poderiam supor os que receiam um predomínio que a L. A. E. não deseja exercer e que seria a falsificação do seu próprio espírito. A L. A. E. pretende dirigir, entendendo que a direcção tem que ser antecipadamente demarcada pelo voto dos que pretendem orientar; que a direcção é a síntese de aspirações comuns e não a sua negação; que onde há prepotência e arbitrio, não pode existir direcção.

Coordenar toda a acção educativa; estimular, esclarecer e metodizar o esforço dos indivíduos e colectividades que se interessam pelos problemas de educação; conjugar as aspirações populares e objectivá-las, — conseguir em síntese: procurar que toda a imprensa seja um dos seus melhores meios de acção; o melhor ideal nacional de educação e realizá-lo, conseguindo que toda a actividade natural e social seja eficientemente educativa, eis o que a L. A. E. entende por direcção.

Convém notar que esta tripla actividade de L. A. E. corresponde logicamente às modalidades essenciais do problema educativo português. E isto pressupõe, necessariamente, duas actividades distintas, mas convergentes e simultâneas, para a sua solução: uma de ordem pedagógica, e de ordem social a outra. Quere dizer: não basta remodelar os processos e métodos de ensino, reformar a escola; é necessário também influir na vida social num sentido educativo. Esta scisão do problema é natural porque corresponde à realidade dos fenómenos colectivos adstrictos à educação.

E compreende-se que assim seja porque doutro modo a vida social — que é uma segunda escola — destruiria os benefícios que a Escola alcançasse. Por outro lado, é necessário atender também a um número enorme de indivíduos a quem só uma acção educativa extra-escolar pode convir. Pretende, assim, a L. A. E. preparar uma geração melhor e melhorar a presente.

Posto assim, o problema com toda a clareza e simplicidade, sündido nas suas partes fundamentais, a L. A. E. entende ainda que devia assumir uma função dirigente. Ela era, necessariamente, porque, no estado actual da sociedade portuguesa, a obra educativa a encetar tem de ser tão larga e profunda e subordinada a interesses comuns superiores, que a simples acção isolada e dispersa, alheia dum mesmo ideal e plano, é quasi sempre inútil, se não pernicioso.

Desde o primeiro instante, a L. A. E. afirmou, e com ela afirmam todos os que nela se inscreverem, que da solução prévia do problema educativo depende o caminho da solução dos outros problemas interessando a grei.

A L. A. E. Pretende mais que só uma nova mentalidade largamente fecunda e embelhada do espírito criador e livre de civilização moderna, pode trazer às questões que hoje se erguem e que alitivamente se projectam no espírito humano a esperança de melhores dias e do socorro e a confiança do caminho do progresso enfim Preconizado.

A todos os que desejam para si e para seus filhos queridos uma nova época de melhores destinos, a L. A. E. salda fraternalmente e os convida a colaborar na tarefa elevada que se impõe e a ofertarem-lhe a fé íntima da mesma fé que a anima na missão que abraça, pedindo-lhes a sua imediata adesão.

Actividade da Comissão de Propaganda

RESPOSTA A LETRA

O pessoal do Município é competente e produz como lhe pagam, afirmamos um seu delegado

O intruso foi sempre o indivíduo que não reconheceu competência ao profissional. Se perguntarem ao intruso qual é o valor do artista ele responde-lhe invariavelmente, com ar de grande superioridade: O presidente da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, coronel Vicente de Freitas, concedeu a um jornal da tarde uma entrevista em que, entre outros dislates, afirmava o seguinte:

—Nunca vi pessoal pior do que o camarário. Não produz absolutamente nada. O meu desejo seria dar, por empreitada, todos os serviços municipais, incluindo regas e limpezas.

E' verdade o que disse o coronel Vicente de Freitas? Vai responder um membro da comissão de melhoramentos do Sindicato do Pessoal do Município, com quem ontem falámos sobre o assunto:

—Posso asseverar-lhe que o pessoal do município é tão competente como o da indústria particular. E a prova-lhe está o facto dos 1500 operários que formam o pessoal adventício procederem da indústria particular, onde sempre deram provas da sua competência.

—E' verdade o pessoal não produz absolutamente nada?

—Também não é verdade. O pessoal produz como lhe pagam. Com salários que variam de 10500 a 10500 não se pode exigir mais.

E acrescenta:

—Depois a Câmara está em débito ao pessoal desde Março de 1925, sem que haja esperança de liquidar-se esse débito.

—Pode explicar em que consiste esse débito?

—No primeiro trimestre do ano passado a Câmara resolveu aumentar 50 por cento sobre os salários do seu pessoal. Porém, a pretexto da falta de dinheiro, o município desses 50 por cento apenas entregou o equivalente a 25%.

—De forma —prosegue o nosso entrevistado — que o pessoal está bastante descontente e esse descontentamento faz-se sentir como é intuitivo.

E a fechar a entrevista:

—Esta é que é a verdade. O pessoal é tão competente como o pessoal da indústria particular. Ele produz de harmonia com os vencimentos que auferir. Se lhe pagarem melhor, maior será a sua produção.



SOLIDARIEDADE

Foi tirada pelos passageiros de 3.ª classe do vapor *Sinaia* uma subscrição para os presos por questões sociais que rendeu 54500.

ASSINEM Os mistérios do Povo

PROPAGANDA SINDICAL

Uma importante sessão em Faro

FARO, 25. — Na Associação Marítima, realizou-se no passado domingo, uma sessão de propaganda. Francisco Xavier Pereira Júnior que preside à sessão, explica os fins desta e apela para que todos os marítimos despertem da apatia em que se têm mantido nos últimos tempos e fortaleçam o seu sindicato. O professor José Negro Buizel, demonstra vários actos de solidariedade que tem caracterizado os movimentos reivindicadores de outras classes, provando-se assim, que só dentro dos sindicatos, com a união dos trabalhadores, será possível estes conquistarem as regalias morais e materiais. Esclarece os presentes dos fins da associação, como organismo de resistência, bem como a sua missão como organismo de produção e termina desejando que a semente da propaganda lançada no seio dos marítimos frutifique, para bem de todos.

João H. Matias, pela U. S. O. local, apresenta qual tem sido a vida da Associação Marítima, nos últimos tempos e apela para que todos os marítimos, congregando-se à volta do seu sindicato, mantenham o seu baluarte de classe e demonstrem as necessidades morais e materiais da sindicalização de todos os marítimos.

Bernardo Morgado expõe vários casos passados na vida marítima de Faro, os quais por serem prejudiciais aos marítimos devem merecer destes a máxima atenção, porque de contrário não só será prejudicada a classe marítima, como até a própria população da cidade. Demonstra a seguir a forma de a classe acabar com tais inconvenientes.

Manuel R. da Silva apresenta o relatório moral e financeiro da comissão administrativa anterior, e a seguir verbera o abandono a que nos últimos tempos os marítimos têm votado a sua associação, quando sem esta não puderam aqueles expurgar do seu seio o egoísmo, que leva muitos marítimos pouco conscientes a actuar em prejuizo da própria classe. Termina demonstrando que os marítimos, organizando-se, não só estão aptos à sua defesa profissional, como a ocuparem o seu lugar no seio da organização.

No final desta sessão foi presente uma lista com o nome dos camaradas que hão-de compor os novos corpos gerentes da associação, a qual foi aprovada, assim como uma moção de Bernardo Morgado para reclamar várias medidas junto das autoridades marítimas, a qual devido aos vários critérios que se manifestaram ficou para ser presente em assembleia magna da classe.

VIDA SINDICAL

C. G. T.

Conselho Confederal pelas 21 horas

COMUNICAÇÕES

Federação Vinícola. — Reuniu-se a Comissão Administrativa, que se ocupou da exposição a enviar ao ministro da Finanças sobre a crise de trabalho, resolvendo para o assunto chamar a atenção dos industriais interessados. Deu posse a Tavares Adão do cargo que tinha anteriormente à sua retirada para o Norte.

Apreciando a questão que neste momento se debate na C. G. T. foi resolvido oficial-lhe nesse sentido marcando a posição e disposição deste organismo perante tal emergência.

Tanoeiros de Lisboa. — Reuniu-se a direcção que deu posse do cargo de presidente deste organismo ao camarada J. Tavares Adão.

Sendo apreciada a crise de trabalho que há dois anos lava com intensidade na indústria, foi resolvido chamar a atenção da Federação para o assunto para o que se vai elaborar uma exposição nesse sentido.

Trabalhadores do Tráfico. — A assembleia geral aprovou os balançetes de Maio e Junho, com ligeira discussão foram aprovados os relatórios e contas da direcção e do conselho fiscal. Nomearam-se, por último, os seguintes corpos gerentes:

Conselho fiscal: presidente, José Diniz; secretário, Bernardino Tavares; relator, João Lopes de Oliveira; direcção: presidente, Eugénio de Azevedo; secretário, Alfredo Rodrigues da Silva; tesoureiro, João Joaquim de Abreu; vogais, José Ribeiro e Manuel dos Santos Garcia; assembleia geral: presidente, João Gomes; 1.º secretário, Domingos Rodrigues; 2.º secretário, José Maria Augusto.

S. U. Metalúrgico. — Reuniu ontem a assembleia geral tendo apreciado o expediente que constava de um ofício da Federação Metalúrgica, sendo resolvido que baixasse à Comissão de Melhoramentos. Apreciei e aprovou uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Convidar todos os camaradas que se vão afastar a retomar a sua actividade não só no sindicato, como na Federação Metalúrgica, alentando-os com a confiança e solidariedade mútua a fim de podermos arcar com êxito a árdua tarefa de organização.

2.º Nomear a Comissão de Melhoramentos especial, transitória, de elementos aptos e dispostos a trabalhar para o levantamento da classe e chamar a atenção das secções sindicais para o cumprimento da resolução da reunião magna de 27 de Maio do ano corrente.

3.º Incumbir os delegados à Câmara Sindical do Trabalho de levantar o assunto crise de trabalho e pró-horário de trabalho e defesa contra a baixa de salário, em conformidade com o segundo número da moção aprovada em 27 de Maio e pôr termo a questões que não nos interessam.

Foi apreciado o conflito latente na C. G. T. e qual a orientação que os delegados à Câmara Sindical do Trabalho devem tomar sobre esse assunto e depois de larga discussão foi aprovada a seguinte proposta:

Propõem que os delegados do Sindicato Metalúrgico à C. S. T. ao ser apreciado o assunto do Conselho Confederal não tomem parte na discussão sobre esse assunto por se ter visto quele só tende a desmantelar a organização.

Em virtude do adiamento da hora foi suspensa a sessão.

Descarregadores de Mar e Terra. — Reuniu ontem a assembleia geral deste Sindicato, para apreciação de contas relativas ao 1.º semestre do ano corrente. Sobre o assunto falaram vários camaradas, que após acalorada discussão aprovaram os mapas relativos às mesmas, bem como as do Conselho Fiscal. Apreciando-se em seguida a situação financeira do Sindicato, e o subsídio ao camaradas presos por questões sociais, foi resolvido nomear-se uma comissão para estudar as probabilidades de se continuar mantendo o subsídio. Foi também apreciada a ofensiva patronal contra as escolas do trabalho, resolvendo a assembleia dar plenos poderes à Direcção, no sentido de agir pela continuidade das mesmas, assim como oferecer aos camaradas estivadores a solidariedade da Classe, para que a sua escola se mantenha.

Em seguida nomeou-se uma comissão para entrevistar a Companhia Nacional de Moagem, para que o serviço de cargas e descargas seja feito por pessoal sindicalizado.

Federação Metalúrgica. — Reuniu o Conselho Confederal com a presença dos Sindicatos de Lisboa, Coimbra, Portimão, Aljustrel, Abrantes, Faro, Rio Meão e Marinha Grande. Foram aceites delegados do Sindicato de Almada os camaradas Américo Vilar e Bernardino Santos. Retomou de novo o seu lugar no Conselho, José dos Santos, delegado de Évora. Foi aprovada a circular 59 da C. G. T., resolvendo-se enviar ao representante em Portugal dos Estados Unidos um protesto contra a condenação à morte de Sacco e Vanzetti, e exortar os sindicatos a agir no sentido de reclamar a sua imediata libertação. Prosseguiu-se na discussão acerca dos pedidos de demissão de Quirino Moreira e António da Graça, que devido à sua renitência foi aceite, tendo também pedido a demissão João de Oliveira e António da Costa Santos, delegados de Portimão e Marinha Grande. A sessão ficou suspensa devido ao adiamento da hora.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação da Construção Civil. — Pelas 21 horas, o Conselho Confederal. Dada a gravidade e importância do assunto a tratar é imprescindível a comparencia de todos os delegados.

Sindicato Unico da Construção Civil — Secção do Alto do Pina. — Reuniu hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, com a seguinte ordem dos trabalhos: Nomeação de delegados ao conselho de secções e U. P. P.; eleição de cargos vagos na comissão administrativa e na comissão revisora de contas do 2.º trimestre e apreciar uma carta de Joaquim Cardoso que se prende com as limpezas da sede e uma moção da comissão administrativa sobre o mesmo assunto.

Corticeiros de Belém. — Pelas 18 horas, a assembleia geral, para tratar da eleição do fiscal e ocupar-se de outros assuntos importantes.

Pessoal do Município. — Pelas 20 horas, assembleia magna, assunto de interesse para a classe.

DIAS PROXIMOS:

S. U. da Construção Civil — Secção profissional dos carpinteiros. — Reúne na próxima sexta-feira, a comissão administrativa, com a comparencia de todos os seus componentes. A esta reunião devem assistir os cobradores.

Federação Mobiliária. — Amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Confederal para se ocupar de assuntos de extrema urgência.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — Reúne amanhã às 21 horas o secretariado, para tratar assuntos da máxima importância para a organização, pelo que é imprescindível a presença de todos os componentes.

Sindicato Mobiliário. — Amanhã, pelas 21 horas, os corpos gerentes e todos os camaradas que tenham exercido cargos.

ão do fiscal e ocupar-se de outros assuntos importantes.

Pessoal do Município. — Pelas 20 horas, assembleia magna, assunto de interesse para a classe.

DIAS PROXIMOS:

S. U. da Construção Civil — Secção profissional dos carpinteiros. — Reúne na próxima sexta-feira, a comissão administrativa, com a comparencia de todos os seus componentes. A esta reunião devem assistir os cobradores.

Federação Mobiliária. — Amanhã, pelas 21 horas, o Conselho Confederal para se ocupar de assuntos de extrema urgência.

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares. — Reúne amanhã às 21 horas o secretariado, para tratar assuntos da máxima importância para a organização, pelo que é imprescindível a presença de todos os componentes.

Sindicato Mobiliário. — Amanhã, pelas 21 horas, os corpos gerentes e todos os camaradas que tenham exercido cargos.

JUVENUTDES SINDICALISTAS

Federação. — Reúne-se amanhã, pelas 21 horas, o Comité Federal.

Núcleo de Lisboa. — Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o secretário do Central.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Metalúrgicos de Faro. — Em virtude do descalabro a que chegou a situação dos operários metalúrgicos, em que estes se têm suicidado a toda a casta de tropelias, feitas pelos respectivos industriais e por pedido da respectiva Federação de Indústria, a comissão reorganizadora dos sindicatos, nomeada pela U. S. O., vai pela segunda vez tentar reorganizar este sindicato, para que tem desenvolvido a necessária propaganda no seio dos metalúrgicos, e realisa-do-se na próxima quinta-feira, pelas 21 horas, uma assembleia magna, para este fim.

U. S. O. — Comissão Administrativa. — Reuniu esta comissão, tendo-se dado andamento às várias resoluções da última reunião do Conselho, e verificando que a Associação dos Corticeiros, tem descurado a sua acção dentro do organismo local.

Secção Telegráfica

Federações

VINICOLA

Sindicato de Gaia. — Federação reuniu e sobre «torna-viagem» aguarda que o ministro das Finanças marque audiência. Talvez nos receba na próxima terça-feira

MOBILIARIA

Sindicato de Coimbra. — Recebemos officio.

J. H. Matias. — Faro. — Idem. Vamos responder a ambos.

O pretendido arrendamento

dos Caminhos de Ferro do Estado

Da União Ferroviária recebemos a seguinte nota:

«Depois de diversas demarches que realizou, ainda a respeito do projectado arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado, reuniu novamente esta direcção para apreciar o assunto, resolvendo intensificar a sua acção no sentido de obstar a esse arrendamento por se reconhecer que os Caminhos de Ferro são, neste momento, apetecidos por diferentes grupos financeiros precisamente porque o seu estado actual de prosperidade desperta esses apetites, contra os quais a direcção da União Ferroviária protesta veementemente, a fim de esclarecer o publico e a classe acerca deste importante assunto, a direcção da União Ferroviária espera brevemente realizar diversos trabalhos e uma conferência com o ministro do Comércio, convocando em seguida a classe para seu completo esclarecimento.

Na próxima semana tornar-se há pública a Carta-aberta editada por esta direcção.

Julgamento de um operário

MAFRA, 27. — O operário Cristovam da Silva Pinheiro foi absolvido no tribunal desta comarca, por se ter provado absolutamente o infundamento da acusação. — C.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor: Preço 1500.

Pedidos à administração de A Batalha a revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkínof. Preço 1550.

CRISE DE TRABALHO

Uma nota officiosa do S. U. Metalúrgico sobre o acto duns desocupados desconhecidos

«A Comissão Administrativa do Sindicato Unico Metalúrgico, tendo conhecimento que uma comissão que abusivamente se intitulou de operários electricistas foi ao presidente de ministério entregar uma mensagem pedindo em termos vergonhosos que empregasse nos estabelecimentos do Estado ou anexos, duzentos electricistas que há cerca de 3 anos se encontram sem trabalho, atendendo a que o Sindicato Unico Metalúrgico é o unico organismo que legitimamente pode fazer reclamações para os operários metalúrgicos, e como até hoje, nestes 3 anos que esses operários electricistas estão sem trabalho, ainda não vieram junto a ele para ser tratada a sua situação, resolveu a sua Comissão Administrativa convidar esses operários a comparecerem na sede do Sindicato, amanhã, pelas 21 horas»

Sempre há bons amigos em Peniche

Dois emigrantes clandestinos generosamente acolhidos pela população

Justamente aborrecidos da existência que arrastavam em Portugal, dois rapazes, cujos nomes não queremos revelar por motivos que no decurso desta história se evidenciaram, resolveram simplesmente emigrar.

Dificuldades de dinheiro e exigências burocráticas inspiraram aos dois rapazes a intenção de se esconderem a bordo. Espreitando a execução do seu plano, relacionaram-se com vários fogueiros de um vapor português que abalava para a Holanda.

Momentos de folgança proporcionaram um compromisso tácito — embarcariam os dois homens, em necessidade de parcimoniosos mantimentos, porquanto, a bordo viariam entre carvão, quatro ou cinco dias, apenas, a pão e água.

Na abalada para terras de promissão, os dois emigrantes se ficaram sem o menor alimento. Ao segundo dia, de manhã, já por alturas de Peniche, um dos foragidos pediu uma pinga de água. Atendeu-o um dos fogueiros que detinham o segredo da conjura, e de que forma? Não denunciou ao comandante do navio o esconderijo dos emigrantes, os quais foram presos, metidos numa baileira e, depois, entregues ao cabo de mar em Peniche.

A população da vila impressionou-se e, para a prisão, aos dois infelizes, foi enviado dadas carinhosas. E, de entre a população, houve um homem, que ficará sempre no anonimato, pois, os próprios presos o desconheciam, que lhes facilitou a evasão da horrível cadeia e o regresso à capital aborrecida. Os dois homens estão, em boa verdade, muito reconhecidos.

E aqui está como, num assunto que deve ajustar-se à novela, se desmente providamente um rião popular que dava Peniche por terra de maus amigos.

Congresso do Ramo de Alimentação

Reúne-se hoje, pelas 20 horas, a comissão organizadora para tratar de assuntos referentes ao congresso e trabalhos de transcendental importância. E' preciso que nenhum delegado falte, visto a importância dos assuntos a tratar.

Banhos às crianças

A comissão escolar do Sindicato da Construção Civil convida a comparecer hoje, pelas 21 horas, na sede desta Comissão, os pais dos alunos que foram à inspecção médica para efeito de banhos.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Monte Oliva» são hoje expedidas malas postais para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem da correspondência registada às 9 horas e da ordinária às 11 horas e pelo paquete inglês «Sartima» para Pernambuco, efectuando-se a última tiragem às 9 horas.

AGREMIações VARIAS

Vendedores Ambulantes de Lisboa. — Reúne amanhã, às 21 horas, a assembleia para eleição de corpos gerentes e assuntos diversos.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1500; pelo correio, 1520; registado, 1550. Pedidos à administração de A Batalha.

Um médico de bordo que deixa, com indiferença, morrer os doentes

Tem a Companhia de Navegação «Fabre Line» um vapor denominado «Sinaia». Pois a bordo deste vapor faleceu o súbdito sírio Majid Geberone Sheamek, por falta de assistência médica. O médico de bordo, quando aquele passageiro foi acometido de doença, recebeu várias vezes os pedidos de muitos passageiros que insistentemente reclamaram a sua intervenção. Entendeu o médico que não se devia incomodar, resolvendo ir acudir ao doente não com a urgência que o seu estado requeria, mas quando ele muito bem o entendesse. E firme neste desumano critério o brutinho a nada se demoveu. Cumprir a sua palavra e só foi visitar o doente quando ele já tinha falecido!

Se todos os médicos da «Fabre Line» forem do mesmo feitio moral e humano daquela que acabamos de referir, bem podem os que pretendem sulcar o oceano nos navios daquela empresa dizer o último adeus à família e fazerem o testamento: «nho».

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 3500.